

Para Fiesp, ajuda dará fôlego ao País

Empresários paulistas acreditam que aval do FMI pode reverter tendência negativa do fluxo de capitais

ISABEL DIAS DE AGUIAR

O acordo que deverá ser assinado hoje entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá dar um pouco mais de fôlego para que o governo promova o ajuste fiscal. Deverá também permitir que muitas empresas rolem suas dívidas no exterior, evitando assim que recorram a créditos internos, a custo mais elevado.

Com isso, o acordo com o FMI deverá também contribuir para uma inversão no fluxo cambial, permitindo que a entrada de recursos externos supere as remessas, proporcionando uma melhora da situação externa do País, com um maior equilíbrio do balan-

ço de pagamentos.

Essa é a avaliação dos empresários da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp-Ciesp), que esperam pelas ações subseqüentes do governo para que o País alcance o equilíbrio diante da economia mundial. "O acordo com o FMI tem o mesmo significado que uma aspirina para um doente", disse o vice-presidente do Ciesp, Mario Bernardini. "Depois de aliviar os sintomas é preciso tomar providências para debelar as causas da doença."

Sinal positivo – A diretora do Departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos da Fiesp, Clarice Seibel, vê na assinatura do acordo com o

FMI uma demonstração de apoio da comunidade econômica internacional ao Brasil. "É um fato importante e positivo, porque somos integrantes da instituição.

Além disso, avalia, "a ajuda deverá contribuir para au-

mentar a credibilidade do País no exterior". Isso, no entanto, não servirá para mudar muita coisa no dia-a-dia da economia nacional, afirma a diretora da Fiesp.

"Mudanças substanciais no horizonte brasileiro dependem do esforço nacional para o ajuste fiscal", acrescentou. "O Fundo Monetário Internacional (FMI) não pode ajudar o País a alcançar o equilíbrio econômico", disse. "Isso só depende de nós."

EQUILÍBRIO
DEPENDE DE
NÓS, DIZ
ECONOMISTA